

QUE TEXTOS SÃO OFERECIDOS AOS ESTUDANTES?

Abstract

The study of language is the main objective of Linguistics. The determination of the literary and historical value of the text belongs to the field of the science of literature. The Philological studies are in the intersection of these two aspects. These studies search today, as they always have, to synthesize all these aspects, recurring to various procedures and methodologies, always open to a variety of languages and literatures. Philology uses Linguistics to study the texts and Linguistics uses the texts to describe the language. A text is then understood as a discursive set (oral or written). Such considerations will lead the student to reflect upon a source text of his/her analysis (linguistic or literary), in the attempt of having them reflect upon the criteria which he/she must have in choosing a text as an instrument of use of the language.

Key words: Study of language. Historical and literary value of the text. Source-text.

INTRODUÇÃO

O estudo da língua é o objetivo precípua da lingüística. A determinação do valor literário e histórico do texto pertence ao domínio da ciência da literatura. Na intersecção dessas duas vertentes estão os estudos filológicos que, hoje como sempre, buscam sintetizar todos esses aspectos, recorrendo a vários procedimentos e metodologias, sempre abertos a toda a gama de línguas e literaturas. A filologia utiliza a lingüística para estudar os textos e a lingüística usa os textos para descrever a língua.

O que seria então esse texto? A noção de texto compreendida o mais amplamente como atividade comunicativa não se limita exclusivamente ao *texto escrito*. Texto, então, é compreendido como todo conjunto discursivo (oral ou escrito). Ora, o texto é urdido através de um sistema de signos denominado língua e o estudo da língua é objeto da Lingüística. Esse é o ponto de intersecção entre as duas vertentes da Filologia Textual. Nessa direção, Roger Lass (1997, p.45) relembra as mais importantes informações fornecidas pela *scripta* de um texto. São elas:

1. a natureza do sistema de escrita e as suas possibilidades de representação;
2. o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos;
3. a implicação histórica do conservantismo dos sistemas de escrita face às mudanças;
4. o uso das evidências métrica e rítmica;
5. o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos;

6. os problemas suscitados pela divisão de palavras e outras convenções;
7. por fim, o uso de algumas fontes como glosários e transcrições interlineares.

Por outro lado, ainda que não seja imprescindível ao lingüista, a filologia textual é cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo lingüístico. Nesse momento é o texto que nos leva aos dados da língua. Desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento dos fatos de língua. Mas, como se tem acentuado recentemente, também para grande parte desses dados é necessário fazer o estabelecimento do texto¹: estabelecimento de texto, manuscritos – antigos ou modernos –, de inqueritos gravados, de toda espécie de documento de língua. Desse modo, o método filológico apóia a análise lingüística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos lingüísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada.

Ao considerar-se que a escrita tem uma função preponderantemente comunicativa, ainda que de utilização mais restrita do que a fala, ressalta-se o seu valor como documento da comunicação humana. Desse modo, o texto, resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo, é sobretudo um documento de fatos lingüísticos. É nessa perspectiva que a filologia textual tem tratado os textos.

¹ Vejam-se a propósito, os trabalhos de Claire Blanche-Benveniste reunidos em livro por Ana Teberosky, em especial o quinto artigo, "Establecimiento del texto" (BLANCHE-BENVENISTE, 1998a), que é a reprodução do artigo "Aspectos preliminares a una reflexión sobre la interpretación" (publicado na revista *Substratum. Temas Fundamentales en Psicología y Educación*, Barcelona, v.2, n. 4, 1994).

1. TEXTOS LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO

O texto literário, escrito por excelência, é tão importante para a filologia textual quanto o discurso oral. A propósito da passagem ao escrito ou para o escrito na sociedade medieval entre os séculos VII e XI, – lembra Bernard Cerquiglini em *Éloge de la variante* (1989), – ser esse um movimento decisivo que leva essa sociedade de um estatuto oral e pré-letrado a uma mistura de oral e escrito, a partir de uma tipologia refinada de iletrismo, de quase-letrismo, de letrismo. O oral no período medieval convinha a uma sociedade regional e particular, mais voltada para os estatutos herdados do que para a dinâmica dos papéis sociais. O escrito, em troca, apropriação de um saber descontextualizado, pode ser um fator de progresso e de liberdade. Não convém, portanto, desprezar-se uma oralidade medieval, livre, calorosa e popular, vítima da repressão clerical e escripturária (CERQUIGLINI, 1989, p.36-7). São os traços dessa oralidade que se escondem no manto das variantes textuais, tão importantes para Cerquiglini.

Nessa simbiose entre a oralidade e a escritura vale a pena lembrar o que diz Ana Teberosky na *Introdução* à coletânea de Claire Blanche-Benveniste, *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura* (TEBEROSKY, 1998), quando afirma que o oral não é homogêneo e, ainda que haja uma distribuição de freqüência desigual das formas elaboradas entre o oral e o escrito, raramente se ouve um oral elaborado. Por outro lado, muitas das formas do oral são espontâneas, enquanto poucos escritos o são. Nesse aspecto não elaborado do discurso, pode estabelecer-se um paralelo entre o oral bem elaborado e a escrita, ou entre o oral e todos os rascunhos do escrito (BLANCHE-BENVENISTE, 1998a, p.14). Os rascunhos – em francês *brouillons* – lembram o retorno de duas metáforas: de uma parte, os observadores falam da vertigem provocada pela desordem e pelo caos dos rascunhos; por outro lado, uma nebulosa, uma nuvem, como afirmam Almuth Grésillon e Jean-Louis Lebrave (1983). Desordem, caos, nebulosa, ruídos que estão presentes sobretudo nessa oralidade não elaborada, considerada em paralelo a esses rascunhos.

Claire Blanche-Benveniste, ao considerar que os *corpora* de língua falada tomam como base a escritura ortográfica, chama a atenção para as dificuldades encontradas na escritura, pelo fato de essa não ser uma simples transpo-

sição da oralidade (BLANCHE-BENVENISTE, 1998b, p. 50-51); é necessário, portanto, usar-se um código de transcrição, gráfico, mas não ortográfico. É ainda Claire Blanche-Benveniste que chama a atenção para a escritura de textos por pessoas inexperientes, para os quais se deve dar tanta atenção quanto para os textos estudados pelos filólogos (BLANCHE-BENVENISTE, 1998a, p.138). E, algumas vezes, esses dois tipos de texto estão muito próximos, quer se trate de uma escritura, ainda de adaptação, de um texto antigo, com base na escrita do latim, quer se trate de textos relativos à transcrição de depoimentos ou daqueles saídos de quem apenas sabe “ler e escrever”.

R. Narasimhan, no artigo *Cultura escrita: caracterização e implicações* (NARASIMHAN, 1995), assinala a existência de três possibilidades de representação do mundo modelado ou do mundo dos textos: a temporal, a espaço-temporal e a espacial. Na escala espaço-temporal estaria inserida a escrita/oralidade. As representações seriam “ao vivo” ou com o auxílio de equipamento (filme, gravação, meio eletrônico). Uma dessas representações “ao vivo” é a *scripta*: forma, inclusive, através da qual se pode re-representar o gravado, com o auxílio de um código baseado na ortografia.

Esses elementos da *scripta* são os indícios que não podem ser esquecidos pelo filólogo, porque são eles que permitem o uso do texto para compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor). Vale destacar que o mais importante é que se usem textos fidedignos, não nos esquecendo de que enquanto não dispomos de um texto fidedigno, todas as operações hermenêuticas e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras como assinala G. Tavani (1988, p.53.).

2. À GUIA DE ILUSTRAÇÃO

Em 1985, Marlene Gomes Mendes (1986) analisa os textos que integram os livros didáticos de língua portuguesa para o ensino fundamental e médio e mostra que esses na sua maioria não são fidedignos. Adverte, então, Marlene Gomes Mendes que:

Um texto muito apreciado pelos autores dos livros didáticos é o poema “Trem de ferro” de Manuel Bandeira. Mas, geralmente, a transcrição não é fidedigna. Por

exemplo, no verso 4, “Virge Maria, que foi isto maquinista?” a forma popular “Virge”, usada pelo poeta, foi corrigida para *Virgem* em dois livros (...). Criou-se um novo verso para o poema: “Piuí... Piuí... Piuí”, que, por sinal, aparece duas vezes, a segunda finalizando a poesia. Em vez de “Que eu preciso”, lê-se “Que é preciso”; “ingazeira” passa a “ingazeiro”; os versos “Passa poste / Passa **pasto**” são: “Passa poste / Passa **poste**”. E há ainda a omissão da 5ª estrofe do poema, que se compõe de 16 versos (...) (MENDES, 1986, p.167).

A título de exemplo de outra natureza, que implica a escolha do melhor texto para análise, vejamos duas versões de conhecido soneto de Luís de Camões. Cleonice Berardinelli (1980, p. 77), ao fazer a edição do corpus dos sonetos camonianos, edita o soneto “Alma minha gentil, que te partiste”, estabelecendo um texto próximo àquele que é do conhecimento geral. Por outro lado, Leodegário de Azevedo Filho (1987, p. 95), ao editar criticamente a obra lírica de Camões, a partir dos princípios da crítica de variantes, com base nos testemunhos manuscritos quinhentistas, procede à *emendatio* e oferece um texto diferente daquele que normalmente circula nas antologias. Comparem-se as duas versões no quadro abaixo:

As duas versões representam resultados alcançados por caminhos diferentes, mas é a mais afastado da versão *vulgata*, a que, metodologicamente, estaria mais próxima da versão camoniana original, a partir do princípio da crítica das variantes.

Outra ilustração concreta de texto fidedigno se tem na edição da obra de Clarice Lispector, com estabelecimento do texto feito por Marlene Gomes Mendes. Na *Nota prévia* a todos os volumes, Marlene Mendes adverte que “Clarice Lispector escrevia e reescrevia seus textos, mas não se preocupava em guardar manuscritos e originais” (MENDES, 1998b, p. [5]), lembrando que “depois de encaminhar o texto à editora, Clarice não se interessava mais por ele...” (MENDES, 1998b, p. [6]).

Entretanto, em *A Cidade sitiada*, o terceiro romance de Clarice Lispector, esta, em carta ao seu editor francês, “fala da necessidade de rever o texto do romance” (MENDES, 1998a, p. [6]), fazendo-o para a segunda edição. As edições subseqüentes reproduzem a segunda, com intervenções não autorais. Do que se depreende ser a segunda a edição definitiva. Em *Perto do coração selvagem*, de que a primeira edição é de 1943, ainda que Clarice Lispector tenha declarado não fazer intervenções no texto editado, na segunda edição, de 1963, encontram-

Texto estabelecido por C. Berardinelli:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo *desta vida* descontente,
Repousa *lá no Ceo* eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Etéreo, onde subiste [,]
Memória *desta vida* se consente,
Não te esqueça[s] daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da mágoa sem remédio de perder-te,

Roga a Deos [,] que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo *de* meus olhos te levou.

Texto estabelecido por L. Azevedo Filho,
segundo as fontes quinhentistas²:

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo *deste corpo* descontente,
repousa *tu nos ceos* eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória *deste mundo* se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algũa cousa a dor que me ficou
da mágoa sem remédio de perder-te,

Pede a Deos, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo *dos* meus olhos te levou.

² As variantes vão indicadas em itálico.

se algumas mudanças que, “difícilmente, poderiam ser atribuídas à intervenção editorial” (MENDES, 1998b, p. [6]).

Ao lado do texto fidedigno é preciso recordar a importância e o valor das chamadas *edições modernizadas*, reproduzindo um texto antigo segundo padrões ortográficos e lingüísticos modernos (SPINA, 1994, p. 19), advertindo-se que para a crítica literária estas edições não têm valor algum. Essas edições buscam levar ao alcance do público de hoje a fruição de uma obra extraordinária, sem desvirtuar o primitivo sabor de sua linguagem (SPINA, 1988, p. xv), não se

devendo prejudicar a legitimidade do texto, além de permitir sua leitura fluente. Ainda que seja um comportamento recomendável em alguns casos nas citações diretas, tal uso prejudica a utilização posterior do texto editado. Ora, se o objetivo a ser alcançado pelo editor é o estudo da língua, é melhor conservar os textos na sua grafia original.

A comparação entre três edições críticas de *A Demanda do Santo Graal* mostra o paralelo entre a leitura paleográfica e, o conservadorismo da leitura de Joseph Piel (1988³), em relação às edições de Augusto Magne (1970) e de Irene Freire Nunes (1995).

<p>Quando erc se uio / em terra nom se pode calar / que nõ dise Certas dõ galuom / ora u(os) vij aqui huũ Ramo de couar / diçe je de maldade de meu caualo. / que me matastes ora nõ podedes diz(er) / poÿs me vir des morto que u(os) me / matastes mais o falimẽto de meu / caualo mais nomẽchal q(ue) q(ue)r q(ue) me / auenha de sta batalha Ca ataa aq(ui). // ouue ¶ende a honrra je uossa desonrra Galuuã / que ajnda se coitaua muÿto tanto q(ue) uiu / erc em terra nõ atendeo maÿs je foilhe / dar d(os) peit(os) do caualo je meteo em terra. / E erc caÿo de Rosto je smoreçeo da gram / coÿta que ouue je cailhe a espada. da maõ / je o scudo. da outra parte. E galuã deçeo / tanto q(ue) o asi viu Jaz(er) e foÿ aele je erguei / lhe a. abaa da loriga je meteolhe aespa / da pello corpo je erc se estendeo como cõ / coÿta de morte.</p>	<p>114rº, a-b</p>	<p>Gama, Telles (transcrição paleográfica)⁴</p>
<p>Quando Erec se vio en terra, nom se pode calar que nom dissesse: “Certas, Dom Galvam, ora vos vi aqui ãu ramo de covardice e de maldade, de meu cavalo que me matastes. Ora nom podedes dizer pois me verdes morto que vos me matastes, mais o falimento de meu cavalo. Mais nom me chal, que quer que me avenha desta batalha, ca ataa aqui ouve ende a honra e vos a desonra”. Galvam que ainda se coitava muito, tanto que viu Erec em terra, nom atendeo mais e foi-lhe dar do peito do cavalo e mete[-o] em terra. E Erec caio de rosto e smoreceo da gram coita que ouve e cai-lhe a espada da maõ e o scudo da outra parte. E Galvam deceo tanto que o assi viu jazer e foi a elle e erguei-lhe a abaa da loriga e meteolhe a espada pello corpo. E Erec se stendeo como com coita de morte.</p>	<p>CCCXLIII</p>	<p>Piel, 1988, p.235</p>
<p>Quando Erec se viu em terra, nom se pôde calar, que nom dissesse: – Certas, Dom Galvam, ora vos vi aqui uũ ramo de covardice e de maldade, [no falimento] de meu cavalo, que me matastes. Ora nom podedes dizer, pois me verdes morto, que vós me matastes, mais o falimento de meu cavalo. Mais nom me em chal, que quer que me avenha desta batalha, ca ataa aqui houve ende a honra e vós a desonra. Galvam, que ainda se coitava muito, tanto que viu Erec em terra nom atendeu mais e foi-lhe dar dos peitos do cavalo e metê-o em terra e Erec caíu de rosto e smoreceu da grã coita que houve e cai[u]-lhe a espada da maõ e o escudo da outra parte. E Galvam deceu tanto que o assi viu jazer e foi a êle e ergueu-lhe a abaa da loriga e meteu-lhe a espada pelo corpo, e Erec se estendeu como com coita de morte.</p>	<p>LI, 340</p>	<p>Magne, 1970, v.2, p.69</p>
<p>Quando Erec se viu em terra, nom se pôde calar que nom dissesse: – Certas, Dom Galvom, ora vos vi aqui uũ ramo de covardice e de maldade de meu cavalo que me matastes. Ora nom podedes dizer, pois me verdes morto, que vós me matastes, mais o falimento de meu cavalo. Mais nom me em chal que quer que me avenha desta batalha ca atã aqui [114, b] houve ende a honra e vós a desonra. Galvam, que ainda se coitava muito, tanto que viu Erec em terra nom atendeu mais e foi-lhe dar dos peitos do cavalo e metê-o em terra. E Erec caiu de rosto e esmoreceu da gram coita que houve e cai-lhe a espada da maõ e o escudo da outra parte. E Galvam deceu tanto que o assi viu jazer e foi a ele e erguei-lhe a aba da loriga e meteu-lhe a espada pelo corpo e Erec se estendeu como com coita de morte.</p>	<p>344</p>	<p>Nunes, 1995, p.259</p>

³ Na verdade a edição data de antes de 1934.

⁴ Critérios usados: desenvolvimento de abreviaturas com o auxílio de parênteses; linhas do texto separadas com o auxílio da barra vertical (/); palavra inserida na linha superior precedida da seta para cima (!); mudança de coluna indicada com duas barras inclinadas (//); manutenção dos sinais de pontuação do texto, ponto (.) e barra vertical (|). Critérios usados nos cursos de paleografia (GAMA, TELLES, 2001).

Os critérios de transcrição e de reprodução adotados devem levar em conta a especificidade dos manuscritos estudados, bem como a necessidade de se tornar esta transcrição o mais rigorosa e inequívoca possível, respeitando o movimento da escrita, suas hesitações, seus equívocos e as marcas dos incidentes caligráficos, como ressaltam Reis e Milheiro (1989: 201).⁵

Em filologia textual, a relação grafemático-fonética leva a duas considerações relativas ao comportamento metodológico: em primeiro lugar, a necessidade de se fazerem lições conservadoras nas edições dos textos manuscritos; a seguir, a possibilidade de que tais lições permitem fazer-se uma descrição fonológica a partir da *scripta* dos textos. De acordo com a *scripta* do documento tanto se podem mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) – repetições, transposições, erros devidos ao contexto lingüístico ou extralingüístico, os erros de concórdância, as auto-correções, as adições, as omissões, as confusões de palavras (MARTÍNEZ ORTEGA, 1999) – como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*. O que se pode ver na transcrição de texto escrito por “mão inábil”, ou que deseje passar por tal, como é o caso desta carta anônima⁶, um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, reproduzido por Herkenhoff (1996, p. 113):

A ELREI N.SENR DE HUM VASALO	NÃO SEDE ZARME VM NÃO MANDE ASTR OPAS O FIM DOS MAL VADOS BRAZILEIROS HE DE ZARMALO VM TEM AqUI PO RTUZES SABIOS OÚCAOS DEZAPARE CAO PAULO LUIS MO QUEIRA CARNEIRO FRNCA TAR GENI. GAMEIRO LAIE FREIT AS SEGURESE VM qUE ESTA A TEPO
---------------------------------	--

Por outro lado, no campo das transcrições de inquéritos lingüísticos gravados recomenda-se o estabelecimento do texto através da chamada transcrição grafemática, buscando reproduzir fielmente a variante lingüística registrada, com o auxílio de um modelo com base em um *código gráfico* específico. Assim, os inquéritos gravados relativos à coleta de dados no município de Maragogipe, BA (GAMA, 1975), deveriam ser transcritos de modo a oferecer elementos que mostrem a característica dos turnos de fala:

Informante 16⁷ (...) é
cõpra
êlis pegão tudo
bota dentru...
paga
êlis paga pra us carregadô
us trabalhadô dêlis carregá
botá nu barcu
arrumá tudo dirêfiu
quandu acaba êlis viaja pra Salvadô
pra êssis câtu. (...)

Informante 17⁸ tô suspêdênu ::
pa depoix aprõtá::
agora :: ::
dêpoix di suspêsu ::
u beçu tôdu ãredó ::
agora a jêti bitola tôdu ::
fũdu né? :: ::
pa ficá tôdu purũ :: ::
a jêti tōma::
mididaisĩ ::
oi :: ::

Finalmente, uma observação sobre o comportamento relativo à escolha dos textos-fonte das investigações lingüísticas e literárias dos alunos dos cursos de Letras, os quais nem sempre são os mais fidedignos. Compreende-se que, na falta de material bibliográfico suficiente, o estudante adquira uma versão popular, geralmente menos confiável.

⁵ Por sua vez, é bom sempre lembrar que as normas da ABNT recomendam a: “transcrição literal da fonte”.

⁶ Note-se a escrita capital, não cursiva.

⁷ Mulher. 28 anos. Fabricante de “loiča”. Analfabeta. Casada. Coqueiros, distrito do Município de Maragogipe (BA).

⁸ Homem. 21 anos. Fabricante de “auguidá”. Solteiro. Nagé, distrito do Município de Maragogipe (BA).

Recentemente está sendo publicada uma coleção de obras literárias vendidas a preço popular que vem reproduzindo edições conceituadas. Cito dois casos. O primeiro é a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (2002), de que se informa estar sendo publicada segundo a edição preparada por Jaime Cortesão (1994), apresentando-se a edição paleográfica e o texto atualizado. Tal fato é declarado, mas apenas uma parte da introdução de J. Cortesão é reeditada. O outro é a tradução do *Macbeth* de William Shakespeare (2002): o texto editado tem uma introdução de Arthur de Salles, mas afirma-se ser a tradução do texto shakespeariano de outro autor. Entretanto, uma comparação com a tradução sallesiana publicada em 1948 pela W.

M. Jackson (SHAKESPEARE, 1948) evidencia coincidências que mostram poder ser um texto contaminado pela tradução feita por Salles, como é o caso do uso do verso alexandrino (característica dos poetas parnasianos) no quadro abaixo.

3. CONCLUSÃO

Acreditamos que essas poucas observações venham a levar o estudante a refletir sobre o texto-fonte da sua análise (lingüística ou literária), na tentativa de fazê-los refletir também quanto aos critérios que deve ter ao escolher um texto como instrumento de uso da língua.

Texto publicado pela W. M. Jackson	Texto publicado pela Martin Claret
O que os pôs ébrios deu-me <i>audácia</i> . O que os deixou	O que os pôe ébrios deu-me <i>ousadia</i> . O que os deixou
(II, II, v.1)	(II, II, v.1)
E como que uma voz <i>soava</i> em vivo tono: "Não dormirás! Macbeth assassinou ao sono." ⁹	E como que uma voz <i>ecoava</i> em vivo tono: "Não dormirás! Macbeth assassinou ao sono."
(II, II, v. 43-44)	(II, II, v. 43-44)
Não! Dariam a esse Mar multitudinoso <i>a cor</i> que as enrubece. <i>Fariam do mar verde um</i> vermelho oceano. ¹⁰	Não! Dariam a esse Mar multitudinoso <i>o colorido</i> que as enrubece. <i>Transformariam o verde mar em</i> vermelho oceano.
(II, II, v. 77-79)	(II, II, v. 77-79)

⁹ Em carta a Arthur de Salles, Eugenio Gomes declara que, para ele, a tradução de Salles deste verso de Shakespeare é um excelente achado.

¹⁰ O uso de *multitudinoso*, criação a partir da tradução espanhola de Marcos Marín, é um dos muitos casos de criação lexical sallesiana apontadas por Gustavo Ribeiro da Gama (1995), que também ressalta a metáfora *vermelho oceano* (GAMA, 1995, 2003).

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Lírica de Camões: 2 sonetos**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. v. 2, t. 1. Texto estabelecido à luz da tradição manuscrita, em confronto com a tradição impressa.
- BERARDINELLI, Cleonice Serôa da Motta. **Sonetos de Camões: corpus dos sonetos camonianos**. Lisboa/Paris: Centre Culturel Portugais / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. Ed. e notas de C. S. da M. Berardinelli.
- HERKENHOFF, Paulo. Letras e escritas. In: id. **Biblioteca Nacional: a história de uma coleção**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996. p. 109-25. Fotografias de Pedro Osvaldo Cruz.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Establecimiento del texto. In: id. **Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura**. Barcelona: GEDISA, 1998a. p. 129-50.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Lo Hablado y lo escrito. In: id. **Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura**. Barcelona: GEDISA, 1998b. p. 29-64.
- CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA A EL-REID. MANUEL SOBRE O ACHAMENTO DO BRASIL: TEXTO INTEGRAL. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CERQUIGLINI, Bernard. **Éloge de la variante: histoire critique de la philologie**. Paris: Seuil, 1989.
- CORTESÃO, Jaime (Edit.). **A Carta de Pêro Vaz de Caminha**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.
- GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques Telles. **Curso de Paleografia e Ecdótica**. Salvador: ILUFBA, 2001.
- GAMA, Gustavo Ribeiro da. **Metáforas do Macbeth na tradução de Arthur de Salles**. Salvador: UFBA/PPGLL, 2003. Tese de doutorado orient. por Sílvia Maria Guerra Anastácio.
- GAMA, Gustavo Ribeiro da. **Arthur de Salles: tradutor de Shakespeare?** Salvador: UFBA/PGL, 1995. Dissert. de mestrado orient. por Célia Marques Telles
- GAMA, Nilton Vasco da. **Estudo de uma comunidade do Recôncavo Baiano: Maragogipe**. Salvador: UFBA/IL/DLR, 1975.
- GRÉSILLON, Almuth; LEBRAVE, Jean-Louis. Avant-propos. **Langages**, Paris, n. 69, p. 5-10, mars 1983. "Manuscrits-écriture, production linguistique".
- HERKENHOFF, Paulo. Letras e escritas. In: id. **Biblioteca Nacional: a história de uma coleção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996. p. 109-25. Fotografias de Pedro Osvaldo Cruz.
- LASS, Roger. **Historical linguistics and language change**. Cambridge: CUP, 1997.
- MAGNE, Augusto, S. J. (Edit.). **A Demanda do Santo Graal: reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1970. v. 2.
- MARTÍNEZ ORTEGA, María de los Ángeles. El Error gráfico o *lapsus calami* en los textos jurídicos. In: id. **La Lengua de los siglos XVI y XVII a través de los textos jurídicos: los pleitos civiles de la escribanía de Alonso Rodríguez**. Valladolid: Secretariado de Publicaciones/Intercambio Editorial/Universidad de Valladolid, 1999. p. 23-42.
- MENDES, Marlene Gomes. A Fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil. In: **Encontro de crítica textual: o manuscrito moderno e as edições**, 1. São Paulo: USO/FFLCH, 1986. p. 163-74.
- MENDES, Marlene Gomes. Nota prévia. In: LISPECTOR, Clarice. **A Cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a. p. [5-6].
- MENDES, Marlene Gomes. Nota prévia. In: LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b. p. [5-6].
- NARASIMHAN, R. Cultura escrita: caracterização e implicações. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Orgs.). **Cultura escrita e oralidade**. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995. p. 189-210.
- NUNES, Irene Freire (Edit.). **A Demanda do Santo Graal**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.
- PIEL, Joseph-Maria (Edit.). **A Demanda do Santo Graal**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988. Concl. por Irene Freire Nunes. Introd. de Ivo de Castro.
- REIS, Carlos; MILHEIRO, Maria do Rosário. **A Construção da narrativa queirosiana: o espólio de Eça de Queirós**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- SHAKESPEARE, William. **Macbeth: texto integral**. Trad. de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- SHAKESPEARE, [William]. **Macbeth**. Trad. de Artur de Sales. In: id. **Macbeth. Rei Lear**. Trad. de Artur de Sales e J. Costa Neves. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948. (Clássicos Jackson, 10). Pref. de Artur de Sales.
- SPINA, Segismundo. Prefácio. In: MEGALE, Heitor (Edit.). **A demanda do Santo Graal (manuscrito do século XIII)**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1988. p. xiii-xvi.
- SPINA, Segismundo. **Normas gerais para os trabalhos de grau: um breviário para o estudante de pós-graduação**. São Paulo: Ática, 1994.

TAVANI, Giuseppe. Los textos del siglo XX. In: SEGALA, Amos (Org.). *Littérature latino-américaine et des caraïbes du xx^e siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988. p.53-63.

TEBEROSKY, Ana. Introducción. In: BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1998, p. 9-17.